

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 32
Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 15200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 15300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 24500. Semestre, 15500 réis (fortés).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

1.º Anno

CONTINUANDO

Vimos a incoherencia profunda da reacção portugueza quando exalta, até no servilismo, a grandeza da Inglaterra, como se essa grandeza resultasse dos processos politicos em vigor n'este paiz de imbecis e de tratantes.

No artigo anterior—aliás tão vergonhosamente revisto que ninguém percebeu metade do que nós queriamos dizer—accentuamos que a superioridade ingleza provém, exclusivamente, do espirito d'independencia e de liberdade, inherente ao elemento saxão, esse espirito que triumphou sempre, em luctas seculares, do espirito retrogrado, a ponto de tornar impossível na Inglaterra, como diz Demolins, o predomínio da aristocracia militar e da aristocracia de nascimento.

A Inglaterra moderna nunca teve um Carlos V, um Philippe II, um Luiz XIV, um Napoleão I, um Guilherme I e II, esse poder centralizador e despotico que foi a maior causa da ruina da Hespanha e da França, e que o ha de ser da Alemanha.

No primeiro momento, escreve Demolins, esses enormes mecanismos dão a uma sociedade todas as apparencias exteriores do poder politico e do poder social, porque centralizam bruscamente e brutalmente, n'uma só mão, todas as forças vivas da nação, lentamente constituídas por regimens anteriores. E' precisamente esse o periodo brilhante que a Prussia conheceu recentemente, como a Hespanha, como nós próprios o conhecemos n'outros tempos. Mas precisamente porque este regimen centralisa todas as forças vivas, acaba por atrophial-as, por aniquillal-as, por exgotal-as, por esterilisal-as, e, então, chega a profunda e, por vezes, irremediavel decadencia.

O Imperio allemão, se persistir no caminho em que entrou,—o que é muito provavel—não escapará a essa lei fatal. Que os allemães se apressem pois a utilizar, em proveito da sua expansão commercial, as antigas virtudes sociaes da sua raça, e que deixem de zombar da nossa decadencia. Nós não fizemos mais do que precedel-os. E é tudo.

Ao passo que a raça anglo-saxonia se engrandecerá cada vez mais pelas obras fecundas e incessantemente renovadas da iniciativa particular e do self-government, a velha Alemanha perderá de dia para dia, por excesso de poder politico, as fortes virtudes que fizeram e ainda fazem o seu poder social.

Isto é assim. Isto é rigorosamente exacto. Nem sempre estamos de accordo com Demolins, principalmente quando elle trata

da guerra anglo-transwaliana. Mas não ha duvida nenhuma de que as suas observações são geralmente verdadeiras.

A Inglaterra cresceu extraordinariamente para que não corra o perigo de diminuir amanhã. O seu desmedido orgulho, a sua affrontosa soberba, a sua revoltante insolencia estão pedindo um castigo severo e, mais tarde ou mais cedo, hão de tel-o. Mas é incontestavel que nenhuma outra raça possui o espirito de liberdade, d'autonomia, d'independencia da raça anglo-saxonia, e que, d'ahi, e só d'ahi, provém a pujança, que essa raça ostenta em todo o mundo.

Sobre isso não ha duvida nenhuma.

Os ignorantes enchem a bocca com a aristocracia ingleza e com a camara dos lords. Ora a aristocracia ingleza, que provém do elemento normando, foi vencida, como este proprio elemento, pelo elemento e espirito saxão, como tambem o demonstra Demolins e como é ponto assente para todos os que veem com olhos de vér.

Durou seculos, essa lucta entre normandos e saxões. Houve um momento em que a nobreza normanda precisou, para vencer o despotismo dos reis, de pedir o auxilio do desprezado camponez saxão, que defendia tenazmente a sua *Common law*. D'essa alliança saiu a *Magna Charta*, que reconhecia ao mesmo tempo a *Common law* dos saxões e a independencia da nobreza normanda. Continuaram os seculos, continuou a lucta entre o espirito popular e o espirito fidalgo até chegarmos ao ponto dos ministerios inglezes dispensarem as votações da camara alta—Gladstone governou com essas votações em contrario por mais do que uma vez—e dos partidos liberaes inscreverem nos seus programmas, como primeiro artigo, a *suppression da camara dos lords*.

E o espirito inglez nunca anda para traz.

Está, ou não está, vencida a aristocracia de sangue na Inglaterra?

Se a aristocracia militar nunca existiu, e este ponto é tão visivel que não é preciso esclarecel-o, se o governo pessoal tambem não,—Jorge III teve velleidades de o estabelecer e essa politica de resistencia, como diz Reynald na sua *Historia da Inglaterra*, custou logo á Inglaterra as suas colonias d'America,—o que tem a reacção monarchica e a reacção clerical portugueza que admirar e que exaltar na Inglaterra?

Imbecis e tratantes.

Imbecis, quando escrevem inconscientemente, e são quasi todos; tratantes, quando se apro-

veitam da ignorancia geral para alterar a verdade dos factos.

E' um povo religioso, escrevem *Novidades*. Vejam a oração de Roberts! Só a fé, exclamam, pôde originar as virtudes que demonstram aquelles soldados!

Que réles especuladores! Que sachristas tão boçaes!

Mas,—já no ultimo artigo o perguntámos,—não é, porventura, tambem um povo religioso este povo portuguez? Não o são, sobretudo, os nossos dirigentes? Pois sua magestade a rainha D. Amelia, é atheista? Pois o Navarro é livre pensador? E não somos nós, pobre paiz d'analfabetos, governados exclusivamente pelos Navarros de todas as especies e cathegorias? Porque não fizeram ainda os Navarros, d'este povo, que os supporta com a mansidão de cordeiros, os Navarros catholicos, apostolicos, romanos, um povo forte, grande, poderoso, como o religioso povo inglez? Lá em religiosidade não nos ganha a Inglaterra, como não ganha á Hespanha. Porque não fez, ainda, a religião, de Portugal, e, principalmente, da religiosissima Hespanha, nações da pujança da famosa nação ingleza?

Porque em Inglaterra, dizia n'outro dia o tal pasquim *Novidades*, não ha livres pensadores, nem associações de registo civil, nem coisa equivalente.

Se não eram bem estas as palavras, era, precisamente, esta a idéa.

Que tratantes! Nem se contentam com a torpe especulação e triste imbecilidade da maior parte dos proprios republicanos portuguezes, que se conservam de braços cruzados deante da feroz propaganda clerical que ahi vae, uns para venderem maior numero dos seus periodicos, outros, porque, sendo os parvos alegres, que todos conhecem, entendem que é *anti-politico* fazer propaganda anti-clerical.

Nem se contentam com isso! Ainda se atrevem a fazer referencia a um pequenissimo grupo de homens, que tem a dignidade de erguer o pendão da revolta contra as torpezas de sachristia, que por ahi profundam e alastram!

Em Inglaterra não ha livres pensadores, nem associações de registo civil!

Que tratantes!

Aqui tenho eu, defronte de mim, um volume grande, em typo miudissimo, que se intitula simplesmente: *Debates in theology, between Charles Bradlaugh and others*. Toda a gente, que anda um pouco a par do que vae pelo mundo, conheceu o celebre Charles Bradlaugh. Era um livre pensador, valente, audaz e altivo como poucos, que a cidade de Northampton elegeu deputado.

Entrando na camara dos com-

muns, negou-se a prestar juramento. Foi expulso e a camara annullou a eleição. Segunda vez Northampton elegeu o seu deputado livre pensador. O governo, que conhecia o feitio de Bradlaugh, cercou a camara de policias para o não deixar lá entrar. Bradlaugh foi, abriu caminho a murro, entrou na camara, negou-se novamente a prestar juramento, foi outra vez expulso e outra vez lhe annullaram a eleição.

Terceiro escrutinio. Terceira vez Northampton elegeu o deputado livre pensador. E Bradlaugh lá vae, caminho da camara. E Bradlaugh trava rija batalha com os policias. Derriba doze a murro. Estende-os no chão. E' vencido pela força esmagadora do numero. Cahe elle mesmo por terra, sem sentidos.

Gladstone ergue-se, então, no parlamento e declara que, não podendo uma cidade ficar sem representante na camara, e dada a insistencia tenaz d'essa cidade em mandar á camara um deputado livre pensador, propunha que o juramento fosse substituido por uma simples declaração de obediencia ao regimento da camara.

E foi approved! E ha quem escreva que na Inglaterra não ha livres pensadores!

Bradlaugh fartou-se d'escrever pamphletos contra a religião e contra a monarchia: *Has Man a Soul? Is there a God? Who Was Jesus Christ? What did Jesus teach? Were Adam and Eve our First Parents? Heresy; its Morality and Utility; The Laws Relating to Blasphemy and Heresy; The Twelve Apostles; Plea for atheism* e muitos outros, que seria longo enumerar. Basta attentar nos titulos d'esses pamphletos para se vér o que elles seriam, escriptos por um livre pensador, e por um livre pensador da laia de Bradlaugh! Um livre pensador, que foi deputado nas condições referidas, que exerceu um papel importantissimo no seu paiz, e escreve-se que não ha na Inglaterra livres pensadores!

Ignorantes, imbecis ou tratantes?

Tudo junto.

E voltaremos a este assumpto, que é curioso.

THEATRO AVEIRENSE

Tivemos hontem no nosso theatro espectáculo pela companhia de zarzuela que tem trabalhado no Colyseu dos Recreios em Lisboa. O programma foi: *Maria Juana, Marcha da Cadiz, e Caramelo*.

À hora do espectáculo já o nosso jornal tinha entrado no prélo, não nos sendo, portanto, possivel dar hoje noticia minuciosa do espectáculo.

Hoje e amanhã ha tambem espectáculo. O programma para hoje é: *De Madrid a Paris, Cetamen Nacional, e Al agua... patas*; para amanhã é: *Duo d'Africana, Gigantes y Cabeudos, e El Santo de la Isidra*. No proximo numero falaremos.

A PROPOSITO DO PADRE

Leram? Repararam bem nas estupendas atrocidades, nas inauditas infamias relatadas por Alexandreerculano?

Pois não de ler mais. A situação hoje mudou, como diz o dr. Miguel Bombarda no seu recentissimo livro, a que teremos de nos referir, *A Sciencia e o Jesuitismo*.

A situação hoje mudou. Estamos em plena reacção. E' indispensavel combatal-a a todo o transe. Para isso se devem juntar os esforços de todos os que amam a liberdade e o progresso.

Pela nossa parte, não descansaremos.

Vimos, nos ultimos artigos, a quantos horrores chegou a catholica em Portugal e Hespanha. Vejamos hoje o que se passou em França.

Começemos pela matança dos protestantes, realizada no dia de S. Bartholomeu e, por isso, conhecida na historia pela *Saint-Barthélemy*.

Ouçamos Jules Bastide, no seu pequeno volume de vulgarisação *Les Guerres de la Réforme*:

«Genlis foi batido junto de Saint-Ghislain, no Hainaut. Assim como a victoria dos protestantes lhes trazia, necessariamente, muitos adherentes, assim a derrota deu audacia aos adversarios que começaram a prégar contra elles com mais atrevimento e violencia que nunca. Cada pulpito era uma tribuna onde os denunciavam como inimigos de Deus, do rei e da França, inimigos de que os fiéis não se podiam livrar senão destruindo-os, como os judeus tinham feito aos Amalecitas.

A rainha mãe poz se á obra.

Joanna de Albret foi envenenada por meio de luvas preparadas pelo florentino Renato, perfumista de Catharina. (1)

O papa Gregorio XIII, succedendo a Pio V, tinha emfim concedido dispensa para o casamento do rei de Navarra e de Margarida. Os protestantes viram depois n'esta concessão do novo papa um indicio de que havia accordo entre Roma e a cõrte para adormecer desconfianças. Se a accusação não é fundada, é certo, todavia, que o santo padre, n'esta occasião, não foi de modo algum guiado pelo espirito de tolerancia, como a sua conducta, dias depois, o provou.

(1) Catharina de Médicis, viuva de Henrique II e mãe de Francisco II, de Carlos IX e de Henrique III, era uma grande puta e uma grande infame, o que a não impedia de ser uma fervorosa catholica e obediente serva de Deus.

Joanna de Albret era mãe do rei de Navarra que mais tarde foi rei de França sob o nome de Henrique IV.

A dynastia dos Valois foi fértil em putas e assassinas. Depois d'esta Catharina, que não hesitava em sacrificar os proprios filhos, appareceu em França, finda a dynastia dos Valois, Maria, que soube, se a não incitou, da conspiração tramada para assassinar o marido, Henrique IV.

Emfim, ha que accearentar ainda ao rol Margarida de Valois, que, sem ser menos puta que nenhuma, tinha, contudo, um fino espirito e bom coração. Isto só na dynastia dos Valois, que foi curta, e só as principaes coizas; nas outras dynastias é a mesma coisa. E' tudo gente temente a Deus!

Fosse como fosse, a cerimonia do casamento, celebrada á porta de Notre Dame, tornou mais sensível aos catholicos o que havia para elles de monstruoso na mistura adultera de duas religiões sobre a terra de França. Era aos seus olhos a alliança de Deus e de Satan, a profanação do santo dos santos! Os vencedores de Drenx, de Jarnac e de Montcour estremeciam de raiva vendo os vencidos cheios de honra e partilhando já do poder. O povo persignava-se e levava a mão ao punhal á vista d'esses pastores calvinistas que tinham presidido á destruição das suas egrejas e cuja linguagem, trajos e attitudes exprimiam um profundo desprezo pelas suas velhas crenças.

A 22 de agosto, no momento em que Coligny passava na rua de Béthisy, regressando do palacio, onde fôra conferenciar com o rei, o assassino Maurevel disparou um tiro sobre elle, quebrando-lhe o braço esquerdo. A commoção foi grande entre os protestantes; mas os catholicos, como que excitados pelo cheiro d'esse primeiro sangue vertido, não chocaram mais no espirito senão pensamentos sinistros. Henrique de Guise tinha voltado a Paris, mais ansioso ainda de vingar a morte de seu pae desde que via a influencia de Coligny (1) augmentar e apagar-se o brilho da casa de Lorraine.

Os Guises aproximaram-se de Catharina; sentiram, como ella, que a opinião publica era impellida por uma corrente de fanatismo assassino e souberam aproveitar-se d'ella para destruir d'um só golpe todos os seus inimigos, começando pelo almirante. Que meios se empregaram sobre o joven rei para o levar a associar-se á conjuração? Recordaram-lhe a fuga de Moaux e mostraram-lhe que Coligny era mais rei que elle proprio? Não teria Carlos IX, acariando os protestantes, como vinha fazendo, a ponto de levantar suspeitas sobre a sua orthodoxia, usado até áquelle momento d'uma dissimulação digna de sua mãe? A historia não se pronunciou ainda sobre esse caso d'uma maneira irrevogavel.

O que se sabe é que Catharina, seus filhos Carlos IX e o duque d'Anjou, o duque de Retz, o cardeal de Lorena e o duque de Guise decidiram que os chefes protestantes, reunidos então em Paris, seriam todos estrangulados n'uma só noite e que se deu ordem para que a matança se realisasse ao mesmo tempo em todas as provincias do reino.

Tambem não ha duvida de que os chefes das congregações religiosas e das confrarias, de que uma parte dos frades estavam na conspiração, porque se estivessem só os soldados uma ordem bastaria para que começasse a carnificina, sem ser necessario um signal.

Este signal partiu do alto da torre de Saint-Germain-l'Auxerrois, de repente, pela noite de 24 para 25 de agosto, á hora de matinas. Ouviu-se tocar o sino e logo em seguida um tiro de pistola, que fez estremecer, diz-se, os proprios auctores do attentado. Os soldados Suissos iam já em marcha. Dirigiram-se primeiro a casa de Coligny. Dianowitz Besme, capitão suizo e casado com uma filha do

(1) O almirante de Coligny era uma das glorias da França. Os mais illustres francezes eram todos protestantes.

cardeal de Lorena, afogou o almirante na propria cama e lançou, pela janella, o cadaver aos pés do duque de Guise, que foi alli para o receber. Ao ruido do sino, aos primeiros tiros, tudo o que havia de fanaticos se armou e percorreu a cidade. As casas dos hereticos tinham sido marcadas com uma cruz vermelha; foram arrombadas; os assassinos precipitaram-se lá dentro de roldão e assassinaram tudo. N'alguns logares, os protestantes tentaram resistir; outros, fugindo, esforçavam-se por chegar ao bairro Saint-Germain, donde Montgomery chegou a escapar-se com um bando de correligionarios. O rei, embriagado pelo tumulto, pela vista do sangue, pela grandeza do crime, atirou-se pessoalmente á matança, com o mesmo furor com que se envolvia n'uma caçada; pegou n'uma arcabuz e não cessou, durante muitas horas, de fazer fogo sobre os fugitivos que atravessavam o rio.

Muitos senhores protestantes estavam alojados no Louvre (1), o conde d'O chamava-os, e, á medida que elles iam descendo ao pateo, ia-os entregando aos suissos, que os matavam (2); só foi poupado Ambroise Paré, o cirurgião do rei. A matança continuou durante todo o dia de 25. Tinha-se começado por matar para vingar a religião; bem depressa se misturaram aos assassinos aquelles que matam para roubar, para se livrarem d'um crêdor, d'um rival, d'um concorrente a uma herança, etc.; por fim, toda essa turba de miseraveis que se encontram em todas as guerras, e sobretudo na guerra civil, que matam então porque o podem fazer impunemente e porque isso diverte a sua covardia.

As immedições do palacio real, onde muitos tinham ido procurar um refugio, estavam cobertas de cadaveres, a maior parte nus, despojados de tudo pelos ladrões. Catharina e as suas damas de honor foram visitadas alegremente, dirigindo-lhes chalaças, algumas obscenas (3). Esses cadaveres, lançados ao Sena, amontoaram-se nos poços que existiam então abaixo

(1) O Louvre era o palacio real.
(2) Que grande infamia! Até aqui os philosophos d'agua doce procuravam atenuar aquellas infamias clericas com o espirito do tempo. Ora depois da grande infamia Dreyfus, que revelou, da parte dos reacccionarios, as mesmas atrocidades de sangue, ninguém tornará a aceitar como boa a tal desculpa do espirito do tempo.
Os clericos são sempre da mesma intolerancia e usam sempre dos mesmos processos.

(3) E que tal o putedo? O putedo catholico? O putedo real? Já quando se ergueu a força pela primeira vez no Caes do Sodrê, em Lisboa, no tempo de D. Miguel, Carlota Joaquina, presenciava as execuções, com as suas damas de honor, das janellas dos predios fronteiros, tomando chá e torradas, e gracejando tambem!

Como os leitores vêem são sempre os mesmos processos, são sempre as mesmas infamias. Passam os seculos e as infamias repetem-se, e os processos voltam. Reproduz-se tudo amanhã em Portugal, como hontem se reproduziu tudo em França com a questão Dreyfus, se as circunstancias, que vão caminhando para lá, o permitirem. Ninguém tenha duvidas a tal respeito. E, cousa singular, estes actos de feroz intolerancia acompanham sempre os periodos da mais profunda dissolução dos costumes. Donde se vê sempre tambem que Roma não gera senão a prostituição, a corrupção, a abjecção dos caracteres, o aviltamento da especie, enfim. Olhae para a historia e haveis de vêr que foi sempre, sempre, sempre assim!

das alturas de Chaillot. Pelas contas da cidade de Paris vê-se que os coevos tiraram d'alli mil e cem cadaveres; outros, sem duvida, foram lançados n'outra parte ou foram levados pelas aguas mais longe. E', pois, de crêr que o numero das victimas, n'esse primeiro dia, não fosse inferior a dois mil; alguns historiadores, quer catholicos, quer protestantes, dizem que foi quatro vezes maior.

Entre os hospedes do Louvre achavam-se Henrique de Condé e Henrique de Navarra. Carlos IX fel-os comparecer deante d'elle, e, com terribes imprecações, deu-lhes a escolher entre a missa e a morte. Condé respondeu com alguma firmeza; o futuro rei de França resgatou a vida abjurando.

Certamente, seria injusto imputar-lhe a abjuração como um crime; sabia fazer gala d'uma facil coragem stygmatisar um homem collocado n'uma alternativa tão terrivel. Uma coisa, entretanto, se deve notar e é que em todas as perseguções houve muita gente obscura, cardadores de lâ. pedreiros, frades, mulheres mesmo que, forçadas a optar entre a renuncia á má fé e a morte, preferiram antes morrer e foram martyres.

Carlos IX, quando lhe passou o paroxismo do furor, quiz deter a carnificina e as desordens. Escutou a voz d'alguns magistrados municipaes que tiveram a coragem d'ir ao Louvre censural-o; mas não foi obedecido; o sangue continuou a correr em Paris até 13 de setembro. As mesmas scenas se deram em Meunx a 25, em Charité a 26, em Orléans a 27, em Saumur e Angers a 29, em Lyon a 30, em Troyes a 2 de setembro, em Bourges a 11, em Romans a 20, em Toulouse a 29, em Bordeaux a 3 de outubro. Tinham partido ordens da côrte para esse fim, mas não eram necessarias, porque as associações religiosas se encarregavam de levar o contagio á toda a parte.

N'algumas localidades, as auctoridades, com o pretexto de pôr os protestantes a salvo, juntaram-nos em prisões, donde os faziam depois sahir um a um para os assassinar á porta. Foi o que aconteceu em Lyon, em Bordeaux e em Orléans. Bordeaux demorou-se muito tempo a seguir o movimento porque os magistrados acreditaram de boa fé que poderiam, ganhando tempo, salvar os prisioneiros; mas as pregações dos jesuitas tornaram á sua boa vontade inutil. Houve n'essa cidade, como em toda a parte, mulheres violadas antes de serem estranguladas, creanças, velhos e mesmo catholicos massacrados.

Muitos governadores, a maior parte assignalados até então como perseguidores ardentes, recusaram-se ao papel de carrascos, e chegaram mesmo a conter os assassinos. Foram, entre outros, Gordes, no Dauphiné, Tende na Provence, Saint-Héran no Anvergne, Chabot-Charny na Bourgogne, o conde d'Orthez em Bayonne. Todo o mundo conhece a bella carta que este ultimo escreveu ao rei em resposta ás suas ordens. Mas os condes d'Orthez e de Tende não tardaram a morrer envenenados.

Então não é bonito? E', não ha duvida. E por isso continuaremos.

DECLARAÇÃO

Francisco Rodrigues da Graça, mestre d'obras, d'esta cidade, faz publico que tendo encarregado o sr. João Rodrigues Martins, de Ovar, de asphaltar o terraço da casa do sr. Domingos Leite, á rua de José Estevam, foi esse trabalho feito com todo o escrupulo e perfeição, ficando o pavimento inteiramente vedado, e nas melhores condições de solidez.

O que confirma a competencia do sr. Martins em todos os trabalhos d'esta ordem. Aveiro, 21 de março de 1900. Francisco Rodrigues da Graça.

Reservistas

A revista annual d'inspecção aos reservistas domiciliados na área do districto n.º 4, tem logar nos dias abaixo designados:

Concelho d'Aveiro, a 22 de abril; concelho de Albergaria, a 29 d'abril; concelho d'Agueda, a 29 de abril e 6 de maio; concelho d'Estarreja, a 6 e 13 de maio; concelho de Cantanhede, a 13 e 20 de maio; concelho d'Ovar, a 20 e 24 de maio; concelho de Oliveira do Bairro, a 24 de maio; concelho de Ilhavo e Mira, a 27 de maio; concelho de Sever do Vouga e Vagos, a 3 de junho; concelho de Oliveira de Azemeis, a 10 e 17 de julho.

Estas revistas são passadas este anno pelo commandante do districto e pelo capitão do quadro do districto e os editaes annunciativos estão sendo affixados.

O JULGAMENTO

DE JORGE PEREIRA DA SILVA

O que temos dito sobre este julgamento e sobre a sentença que o terminou, escripta e assistida pelo illustre juiz Francisco Antonio, o mais que temos a dizer e ainda o que não diremos por motivos de todos conhecidos, leva-nos á conclusão de que é obrigação e dever do sr. ministro da justiça lançar as suas vistas sobre a fôrma porque n'esta comarca se está administrando a justiça, ordenando uma rigorosa syndicancia para que o serviço judicial entre em caminho e termos regulares.

A sentença que absolveu Jorge Pereira da Silva, que o mandou em paz depois de descrever que elle havia desencaminhado, pelo menos, a quantia de 7\$250 réis, pertencente ao sr. Manuel Homem de Carvalho Christo, brada aos céus!

A doutrina que encerra mostra exuberantemente a incompetencia do juiz que a subscrive, incompetencia que traz damnos irreparaveis aos povos d'esta comarca, e que reclama do sr. ministro da justiça immediatas providencias, de fôrma que para Aveiro venha quem, como Eugenio da Costa e Almeida, D. Fre-

derico Malafaya e Alexandre de Sousa e Mello, conheça e saiba interpretar as leis, e as applique com justiça e equidade, sem consideração por este ou por aquelle, mas com a unica mira no Direito e na Consciencia.

A comarca d'Aveiro estava de ha muito acastumada a prezar e respeitar os seus magistrados, porque esses eram da tempera de Eugenio da Costa e Almeida.

Concordou e admirou sempre as suas qualidades de homens e de magistrados: nunca os desrespeitou, signal de que a comarca só reclama homens sabedores e dignos.

E' justo, pois, que as suas reclamações sejam attendidas, quando um povo inteiro clama justiça e hombridade. Venha a syndicancia, sr. ministro da justiça. Cumpra o seu dever, e verá como apparecem cousas lindas na fôrma por que, actualmente, por aqui se administra a justiça.

Mas continuemos com o exame da sentença que absolve Jorge Pereira da Silva, sentença que até admirou e fez pasmar o advogado do réo, obrigando-o a declarar perante muitas pessoas, entre as quaes o proprio queixoso, que tudo esperava menos a absolvição. E' que a sua consciencia antepunha-se ao proprio interesse.

Para esse exame é preciso que recordemos a quem nos lê que, ha menos de mez, o juiz Francisco Antonio condemnou em multa, custas e sellos do processo, 3 desgraçados da Murtoza que, ás 11 horas do dia, em frente de innumerados barcos conduzidos por homens que se empregavam no mesmo serviço, e na ria publica, ou pelo menos não identificada por particular, apanharam um pouco de molico.

E' preciso recordarmos que ha proximamente um anno o juiz Francisco Antonio condemnou em seis mezes de prisão um individuo acusado de ter roubado um pouco de junco que cobria parte de um monte de sal, quando o processo só contra elle tinha as declarações de um seu creado, o verdadeiro auctor do roubo, que dizia ter sido mandado por seu patrão.

Condemnou este infeliz em 6 mezes de prisão, custas e sellos do processo que com agravos, etc., subiram á quantia de 250\$ réis, com a prova que referimos, accrescendo ainda a circumstancia de as declarações do moço serem as segundas e absolutamente contrarias ás primeiras em que declarava ter ido furtar o junco

— A Testa-de-Boi, replicou o principe, seria mais facil engulir tres terras como a de Ivanhoé do que vomitar uma d'ellas. Quanto ao resto, sirs, espero que nenhum de vós me contestará o direito de conferir os feudos da corôa aos meus fieis servidores que estão promptos a cumprir o serviço militar que lhes pertence, em logar dos que andam a vagabundear pelas terras estrangeiras e que não podem prestar homenagem nem serviço quando são chamados a isso.

Os assistentes eram muito interessados na questão para não clararem incontestavel o direito que o principe se arrogava. — «Generoso principe! Nobilissimo senhor que se impõe o dever de recompensar os seus fieis servidores!» Taes eram as exclamações que todos levantavam em terço

FOLHETIM

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

CAPITULO XII

Rowena assim que o viu, deixou escapar um pequeno grito; mas, appellando immediatamente para toda a energia do seu caracter, e constrangendo-se a desempenhar o seu papel, toda trémula pela violencia de uma subita commoção, collocou sobre a cabeça do vencedor a esplendida corôa que devia ser a recompensa d'esse dia, dizendo em voz clara e distincta estas palavras: — Dou-te esta corôa, sr. cavalleiro, como premio de bra-

vura destinado ao vencedor d'este dia. Aqui parou um momento e depois accrescentou com firmeza: — E nunca uma corôa de cavallaria foi posta sobre mais digna fronte!

O cavalleiro inclinou a cabeça e beijou a mão da amavel soberana que acabava de recompensar o seu valor; e depois, inclinando-se ainda mais, cahiu prostrado aos seus pés.

A consternação foi geral. Cedric, que tinha ficado mudo d'assombro pela sua subita apparição de seu filho proscripto, arremessou-se para a frente como para o separar de Rowena; mas os marechães do campo já o tinham antecedido. Adivinhando a causa do desmaio de Ivanhoé, tinham-se apressado a tirar-lhe a armadura, e verificaram que o ferro de uma lança lhe havia

atravessado a couraça e feito uma ferida n'um lado.

XIII

Approximae-vos, heroes! exclamou Atrides, sabi d'entre a multidão que vos rodeia, vós que pretendes exceder os vossos rivaes em dextreza e força varonil e quereis alcançar fama. Esta vacca, do valor de vinte bois, é destinada áquelle que atirar mais longe a alada flecha.

LIADA.

Assim que se pronunciou o nome de Ivanhoé, foi voando da bocca em bocca com toda a velocidade que a impaciencia pôde comunicar e a curiosidade admitir. Não levou muito tempo a chegar ao grupo do principe, cuja frente se carregou ouvindo-o proferir. Olhando em roda de si, com ar de

desdem, disse: — Meus senhores, e vós especialmente, sr. prior, que pensaes da doutrina que nos ensinam relativa ás attrações e antipathias innatas? Parece que eu presentia a presença do favorito de meu irmão, quando menos advinhava quem se escondia sob aquella armadura.

— Testa-de-Boi deve preparar-se para restituir o feudo d'Ivanhoé, disse De Bracy, que, tendo tomado uma parte honrosa no torneio, depuzera o elmo e o escudo e tornara a juntar-se á comitiva do principe.

— Sim, accrescentou Waldemar Fitzurse, esse heroe vae provavelmente reclamar o castello e a terra senhorial com que Ricardo o tinha agradiado e com que a generosidade de Vossa Alteza depois contempou Testa-de-Boi.

de seu motu proprio, e para se livrar do incommodo de ir á praia do patrão que era mais distante.

Ora, recordado isto, examinemos a doutrina da sentença do Meritissimo juiz Francisco Antonio. Por ella, que publicámos na integra, vê-se bem que o douto julgador, o doutissimo julgador, se firmou no facto de o crime ter sido classificado como furto, quando era abuso de confiança, para decretar a absolvição. E diz, então, que ao crime falta a subtracção fraudulenta. Dito e mais que dito que este elemento apparece em toda a sua nitidez no crime de Jorge Pereira da Silva, provado e mais que provado, vejâmos se para ter logar o abuso de confiança seria ou não tambem necessaria a subtracção fraudulenta. O Acc. do Sup. Trib. de Justiça de 2-5-76, diz:

«... Que tendo o M. P. dado querela contra o recorrente pelo crime de abuso de confiança, punido pelo art. 453.º do Cod. Pen., como consta... e sendo um dos elementos constitutivos d'este crime ter o accusado desentaminado ou dissipado fraudulenta e os objectos que lhe foram confiados, etc.»

Quer dizer: o abuso de confiança requer tambem a fraude para que seja crime, e esta mesma doutrina é perfilhada pelo *Direito*, 8.º, pag. 422 e *Revista de Legislação e Jurisprudencia*, 11.º, pag. 104.

Logo, tendo sido reclamada na discussão a nullidade do processado contra Jorge Pereira da Silva, por indevida classificação do crime, chamando-se-lhe furto, quando era abuso de confiança, sendo-lhe no entanto applicavel a *mesmissima* pena, e dando na sua sentença, o doutissimo juiz Francisco Antonio, provimento á reclamação, elle na *arenga* da subtracção fraudulenta deu raia, deixou de ser doutissimo, nem douto é, e tornou-se ou, antes, mostrou-se tal qual era, incompetente.

Esta incompetencia, constitue um permanente perigo para a sociedade Aveirense: e esta deve reclamar, instar por justiça para que quem governa olhe para o cahotico estado da sua administração em Aveiro, e a levante ao seu verdadeiro nivel.

Este julgamento do ex-criminoso Jorge Pereira da Silva, tem muito que se lhe diga, e havemos de dizel-o nos numeros seguintes d'este periodico.

O melhor teria sido absolver o homem sem dizer as razões porque. Ficava o caso mais limpo.

Jayme Duarte Silva
ADVOCADO
R. DO SOL—AVEIRO

d'elle, esperando gratificações identicas, á custa dos servidores e favoritos do rei Ricardo, se é que ainda as não tinham recebido. O prior Aymer fez côro com os outros, observando, todavia, que a santa Jerusalem não podia em verdade denominar-se terra estrangeira, porque era a *communis mater*, — a mãe de todos os christãos. Mas não via, declarou elle, como o cavalleiro d'Ivanhoé podia servir d'esta desculpa, porque elle, prior, estava informado de que os cruzados commandados pelo rei Ricardo pouco tinham passado além de Ascalon, a qual, como todos sabiam, era uma cidade dos philisteus e não tinha direito a nenhum dos privilegios da cidade santa.

Waldemar, a quem a curiosidade levava a aproximar-se do sitio em que Lyubadé desmaiara, voltou

Feira de Março

Abre hoje esta importante feira annual.

Dizem-nos que o numero de barracas subiu este anno.

Bom será que o tempo permita a concorrência do povo dos logares circumvizinhos, porque só com esta condição os feirantes pôdem ter boa feira.

OBITUARIO

Em avançada idade falleceu na sexta-feira pela manhã, a sr.ª D. Rosa de Santa Maria Leite, mãe do nosso amigo Domingos José dos Santos Leite, activo commerciante d'esta praça.

Havia annos que a bondosa sr.ª vinha soffrendo d'uma pertinaz doença que por fim a prostrou no leito da morte, deixando a todos os seus immersos em amarissima saudade.

Foi mãe extremosa que soube dar o salutar exemplo das mais acrisoladas virtudes domesticas.

Ao seu funeral, que se realisou n'aquelle mesmo dia pelas 8 horas da noite, associaram-se individuos de todas as classes, que assim dêram ao nosso amigo Domingos Leite uma prova inequivoca da consideração de que goza.

As nossas condolencias.

Realisou-se na passada quinta-feira o funeral do nosso patricio José Maximo, fallecido em Lisboa, onde era guarda-livros d'uma importante casa commercial.

O prestito funebre saiu da igreja do Carmo pelas 7 horas da tarde. Iam n'elle incorporadas todas as classes, bem como as duas phylarmonicas da cidade, conduzindo uma o fêretro n'uma carreta dos bombeiros voluntarios, e levando a outra um carro de bellissimas corças, tributo de saudade da familia do extincto, e dos seus numerosos amigos e companheiros de infancia.

José Henriques Maximo falleceu no verdôr da mocidade, quando a esperanza ainda mal desponta no largo horizonte da vida, e por isso a sua morte foi sentida com amargura, e todos lhe prestaram um derradeiro e luctuoso preito de saudade a que espontaneamente nos associámos.

Receba a familia do desventurado manco o nosso cartão de pezaes.

O Bispo de Roma parece estar inclinado a consentir na união matrimonial dos priores. Tal providencia constitue avanço para a moral, mas não nos aventuramos a affirmal-o, pela razão de sabermos—que burro velho não endireita vereda.

Elles não se veem muito apouquentados com o remorso por infringirem o 6.º mandamento!...

Isto é uma grande verdade.

Para que querem elles o matrimonio, se teem amantes á farta e livres de responsabilidade?

n'esse momento.—O nosso heroe, disse elle, não dará provavelmente grandes cuidados a Vossa Alteza nem arrancará Testa-de-Boi da tranquilla posse do dominio que ganhou, porque está gravemente ferido.

— Seja como fôr, respondeu o principe João, elle é o vencedor do dia e ainda que fosse dez vezes nosso inimigo ou o amigo predilecto de nosso irmão, o que é talvez a mesma coisa, é necessario pensar as suas feridas, e o nosso proprio medico é que ha de encarregar-se d'isso.

Um sorriso amargo contrahi os labios do principe quando disse estas palavras. Waldemar Fitzurse apressou-se a replicar que Ivanhoé havia já sido transportado para fóra da arena e que estava sob a guarda dos seus amigos.

— Impressionou-me, accresceu.

JUSTIÇA DE CAFRES

MEU AMIGO E SENHOR

De maneira que estamos n'isto, cá pela Zululandia: juiz manobra ás ordens do advogado e do Caganifancia. Caganifancia pede e juiz despacha á feição de Caganifancia; mas vem mais tarde advogado, pede outra coisa e juiz emenda a favor d'advogado.

Caganifancia ensina juiz a andar em bicycleta; mas advogado ensina juiz a dar sentenças. Esta besta, no fundo, prefere bicycleta a tudo o mais. Lá se convenceu, o machacaz, que parece, em cima do traste, um d'esses judeus, feitos a machado, da Senhora das Dôres ahi de Verdemilho, lá se convenceu, o machacaz, de que mette figura em cima da machina. A machina é o seu encanto. Mas como para o mundo é de mais consideração a toga, finge dar mais importancia ao advogado e põe este, então, acima de Caganifancia.

Ora veja que juiz, que magistratura, que justiça!

O canalha chega a isto: a consentir que o advogado intervenha, como advogado, em processos onde figurou como testemunha. Uma vez esse advogado, tendo servido, no processo, de testemunha de accusação do réo, appareceu no tribunal, no mesmo processo, a advogar o mesmo réo. Ministerio publico protestou e vozeou. Mas canalha saltou por cima de tudo e compadre advogado advogou o figurão contra o qual tinha deposto como testemunha.

E que lhe parece? Não acha bonito?

E' um juiz ou é um malandro? Mas um malandro da peor especie. Dando sentenças a sabor de Caganifancia e de compadre advogado rouba as partes escandalosamente, além de todos os prejuizos d'outra ordem. E rouba as partes escandalosamente porque tendo de appellar, necessariamente, aquellas a quem assiste justiça, todo o dinheiro gasto em agravos e appellações é dinheiro infamemente roubado pelo ladrão, que põe aos hombros a honrada toga da magistratura.

Rouba as partes, porque não inutilisa nem rubrica um sello sem lhe darem um vintem, mas como não passa recibo, o contador conta como se tal vintem não tivesse sido dado e ladrão recebe outra vez. Rouba as partes, porque exige emolumentos que não lhe pertencem. Rouba as partes, porque exige dinheiro pelo mais insignificante despacho, tornando mais morosa ainda e mais immo-

ral a justiça d'este paiz. Rouba as partes, porque tem o mais absoluto desprezo pelos interesses d'ellas, declarando cynicamente que não é procurador. Rouba os escrivães, porque absolve ladrões privados, deixando os pobres funcionarios sem a recompensa do seu trabalho e sem a paga das despesas feitas; rouba os escrivães, porque não dá expediente nenhum ao serviço. Emfim, rouba os advogados, porque, sendo os homens honestos pouquissimos, toda a tratantada abandona os seus antigos advogados para ir, a correr, procurar o advogado favorito, por favoritismo do qual juiz absolve ladrões quando advogado defende ladrões e juiz condemna Jesus Christo quando advogado accusa Jesus Christo.

Ladrão!

Canalha!

E está um povo, administrado por gente que se diz civilizada, á mercê d'um malandro que não tem pár na Cafria, nem em Marrocos, nem nos sertões mais selvagens do mundo.

E até outro dia.

João Moluria.

BAZAR

Com uma concorrência inesperada inaugurou-se na passada segunda-feira, o bazar permanente promovido pela Direcção do Recreio Artístico, em beneficio da caixa de soccorros aos socios doentes.

Dizem-nos que o producto do bazar foi de 80\$000 réis.

Tanto de tarde, como de noute, tocou no átrio da associação a conceituada Phylarmonica Amisade, que tocou varias composições do seu selecto repertorio.

O sr. João Vieira da Cunha, zeloso guarda-livros da Fabrica de Louça da Fonte Nova, tem passado incommodado com um ataque de «influenza».

Desejamos-lhe prompto restabelecimento.

RECREIO ARTISTICO

Continuamos a publicar a relação das prendas que teem sido offerecidas a esta Associação, para o bazar em beneficio da caixa de soccorros:

Anonymo, um exemplar de «Seculo illustrado», de 1897 e um volume de poesias, «A Grinalda».

D. Virginia de Carvalho, um par de jarras e dois brinquedos.

Duarte Ferreira Pinto Basto e esposa, 22 cinzeiros, 3 pares de jarras, 4 banhistas, duas figuras de barro e uma escaradeira para creança.

D. Maria Vieira Gamellas, 6 garrafas de vinho de Bucellas.

Antonio Saraiva, duas garrafas de licôr canhão.

Anonymo, 5 mappas differentes.

D. Maria d'Apresentação Lopes dos Santos, uma fructeira de vidro.

— Nós a consolaremos das suas penas, disse o principe, e apurarlhe-hemos o sangue oasando-a com um normando. Ella parece que ainda é menor e portanto é ao nosso real arbitrio que pertence fazer o seu casamento. Que dizes tu, De Bracy? Queres adquirir bellos dominios e beneficios oasando com uma saxonica, á moda dos sectarios do Conquistador?

— Se os dominios são a meu gosto, meu Senhor, respondeu De Bracy, será difficil que a esposa me desagrade; eu ficaria extremamente grato a Vossa Alteza por esse acto de generosidade, que satisfaria todas as promessas feitas ao seu servidor e vassallo.

— Não nos esqueceremos d'este projecto, disse o principe; e para começarmos já a tratar d'elle, ordena ao nosso senescal que vá con-

D. Rosa Prudencia de Barros, uma toalha de crochet.

D. Maria Amalia Moreira, uma caixa de papel para escrever.

D. Maria da Luz Cardoso e Mollo, uma chavena e pires dourado.

ANNUNCIOS

Annuncio

(1.ª publicação)

Por este juizo de direito, escriptão Fortuna, correm editos de 6 mezes e de trinta dias a contar da ultima publicação d'este annuncio, citando, pelos primeiros editos, o auzente Antonio Carlos, solteiro, maior, filho de Antonio Francisco Carlos e mulher Joanna de Jesus, fallecidos, da Gafanha, e pelos segundos os interessados incertos, para, na segunda audiencia posterior ao prazo dos editos virem respectivamente accusar a citação e para na terceira audiencia seguinte deduzirem qualquer opposição, ou a sua habilitação, seguindo os demais termos do processo de curadoria definitiva dos bens do dito auzente, requerida por seus irmãos Manoel Carlos e mulher Thereza de Jesus, aquelle por si e como representante legal do menor Jacintho, filho de seu fallecido irmão João Francisco Carlos; Manoel Carlos e mulher; João Carlos e mulher; José Carlos e mulher; Maria Clara de Jesus e marido; Maria de Jesus e marido; Antonio Carlos e mulher, como herdeiros e representantes de seu fallecido pae e sogro José Carlos Novo; Maria Rosa de Jesus, viuva; Maria da Rocha e marido; Antonio Carlos e mulher, estes com aquelle menor Jacintho como herdeiros e representantes de seu fallecido pae e sogro João Francisco Carlos; e Francisco Carlos e mulher, todos lavradores, da Gafanha, freguezia d'Ihavo, os quaes pedem em seu favor a curadoria definitiva dos bens do dito seu irmão, cunhado e tio Antonio Carlos, com o fundamento de que elle se auzentou ha mais de 28 annos para parte incerta do Brazil, sem deixar procuração, nem testamento, nem tão pouco noticias suas; e porisso aos representantes, como parentes mais proximos do auzente, devem ser entregues os seus bens por inventario com caução, seguindo a ordem legal na successão.

As audiencias n'este juizo fazem-se em todas as segundas e quintas-feiras de cada semana, ou nos dias immediatos sendo aquelles santificados, e sempre pelas dez horas da manhã, no tribunal judicial, sito na Praça Municipal d'esta cidade.

Aveiro, 5 de março de 1900.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

F. A. Pinto.

O escriptão,

Arnaldo Augusto Alvares Fortuna

vidar lady Rowena e a sua companhia, isto é, o seu rustico tutor e o boi saxão que o cavalleiro Negro estendeu no torneio.—De Bigot, accrescentou elle para o senescal, faze-lhes este novo convite tão cortezmente que o orgulho d'esses saxões fique satisfeito e lhes seja impossivel não acceitar segunda vez; comquanto, pelos ossos de Becket, tratal-os com cortezia seja deitar perolas a porcos.

O principe acabara de dizer estas palavras, e dispunha-se a dar o signal da partida, quando lhe entregaram um bilhete.

— D'onde vem isto? perguntou-o elle voltando-se para a pessoa que lh'o entregara.

(Continúa)

ATELIER DE ALFAETERIA
DE
Joaquim Ferreira Martins
(O GAFANHÃO)
R. da Costeira—AVEIRO

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para verão.

Espera tambem por estes dias um grande sortimento de fazendas, o que ha de mais moderno, para a estação do inverno.

Como está tambem para chegar a epoca dos varinos já tem para isso as fazendas encomendadas.

Ficam d'isto prevenidos os nossos freguezes e amigos.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

DE
Manuel Rodrigues da Graça

R. DA ALFANDEGA

NESTE estabelecimento encontram-se vinhos finos desde 240 réis para cima; arroz da terra e estrangeiro. Tem tambem um variado sortido de bolachas das principaes Fabricas de Lisboa e Porto, que vende por preços excessivamente baratos.

Hotel Cysne
Boa-Vista

AVEIRO

Recommenda-se pelo
aço e seriedade
com que se
trata

Excellente serviço
de meza

OFFICINA DE CALÇADO

DE

João Pedro Ferreira

AOS BALCÕES — AVEIRO

NESTA antiga e acreditada officina de calçado executa-se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado o que ha de mais chic.

Garante-se a solidez e economia de preço.

Vinho de Bucellas

VENDE-SE a 160 réis a garrafa no estabelecimento de

José Gonçalves Gamellas

Praça do Peixe—AVEIRO

Previne o publico que só affiança a qualidade do vinho vendido no proprio estabelecimento, para evitar que vendam com a mesma marca outra qualidade de vinho

ARMAZENS
DA
BEIRA-MAR
DE
MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19-A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo
(Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escritorio.

Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madaira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B. — Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importançela.

FABRICA A VAPOR

MOAGEM DE TRIGO E MILHO

DE
Manuel Homem de C. Christo

Vendas de farinhas, e sêmas

Compras de milho, e trigo, tanto por junto
como a retalho

RUA DA ALFANDEGA

AVEIRO

BARRA — PHAROL

OS srs. banhistas d'estas praias encontram na loja da Cambeia, do Arthur Paes, os mais necessarios generos comestiveis, taes como feijão, massa, batata, toucinho, manteiga de porco, queijo da serra, etc. E ainda o tal **biscoito d'Aveiro**, — o biscoito de leite, que só se vende e faz n'esta casa.

VINHO DE MEZA: — o genuino vinho de meza, limpido, dromatico, levemente taninoso, o que constitue o verdadeiro tipo de vinho para meza, tambem se vende no mesmo estabelecimento, com as vantagens manifestas dos srs. banhistas terem ao pé da porta vinho bom e a preço modico.

Levam-se amostras a quem as pedir.

Azeite do Douro

NINGUEM compre sem visitar o Armazem da Bandeirinha, á rua das Barcas; pois é alli onde se vende o puro azeite, por junto e a retalho.

Preços convidativos.

Desconto aos revendedores.

ROLÃO PALMA

ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe—AVEIRO

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALBINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o **MANUEL MARIA**—d'esta cidade, faz publico, que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café cru de diversas marcas, café torrado em grão e moído, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congêneres do Porto. As vendas são a prazo, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Saaveum que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello **Champagne**.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 70 réis o litro, tinto; branco a 100 e 200 réis, sendo para consumir em casa do freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoite das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, patrechos para caçadores e objectos para escritorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercaderia mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Mannel Maria)

AVEIRO

SAPATARIA AVEIRENSE

DE

Marques d'Almeida & Irmão

AOS BALCÕES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos

José Gonçalves Gamellas

A' PRAÇA DO PEIXE

N'este estabelecimento encontra-se á venda o apreciado **Vinho de Bucellas** importado directamente de casa do lavrador.

A 160 RÉIS A GARRAFA

Vinho de Collares — Este delicioso vinho continúa a ser muito procurado no estabelecimento do nosso amigo José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe, que vende cada garrafa a 120 réis.

TRENS DE ALUGUER

FERNANDO HOMEM CRISTO

Rua da Alfandega

TYPOGRAPHIA

POVO DE AVEIRO

Encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e economia todos os trabalhos de impressão, taes como: cartões de visita, participações de casamento, mappas, facturas, livros, jornaes, etc. etc.

RUA DE S. MARTINHO
AVEIRO

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES
AVEIRO